

MORGAN, Edwin

*diplomata norte-americano; emb. EUA no Bras. 1912-1933.

Edwin Vernon Morgan nasceu na cidade de Aurora, estado de Nova Iorque (EUA), em 22 de fevereiro de 1865. Filho de uma influente família republicana, teve benefícios pelos laços de sangue. Seu avô fora eleito para a Câmara dos Representantes em 1852, e um primo para o governo de Nova Iorque durante a Guerra de Secessão (1861-1865). Socialmente importantes, os Morgan tinham alguma riqueza adquirida no mercado de crédito, incluindo participação na fundação da empresa American Express. Edwin sempre teve, portanto, meios financeiros além do modesto salário oferecido na época para diplomatas dos Estados Unidos.

Estudou história em Harvard, graduou-se em 1890 e no ano seguinte obteve o diploma de mestre. Em 1892 foi para a Alemanha estudar por 12 meses. Em 1895 tornou-se instrutor de história no Adelbert College, em Cleveland, Ohio (EUA).

Sua entrada no serviço diplomático estadunidense aconteceu em 1900. Tal emprego só foi conseguido devido a conexões políticas, como de costume na época. Morgan seria o retrato perfeito de um diplomata norte-americano que surgia no começo do século XX. Tais profissionais eram formados por uma das universidades da “Ivy League” (Liga da Hera, conjunto das universidades mais tradicionais do Nordeste dos EUA), entravam no Departamento de Estado aos 30 e poucos anos e escalavam a hierarquia até seu ápice profissional como embaixadores em uma grande capital europeia. Os primeiros cargos de Morgan foram na Coreia e na Rússia. Subiu rapidamente na escala profissional até conquistar o cargo de ministro em Cuba em 1905. Quatro anos depois foi transferido para o Uruguai, onde ocupou a mesma posição. Em 1911 nova mudança, dessa vez para o velho continente, para trabalhar em terras lusas. Finalmente, em 1912, aportou na baía de Guanabara para ser embaixador dos EUA no Brasil, posto que ocupou por 21 anos, até 1933, e que seria o último de sua carreira diplomática.

Chamado por seus colegas de “King of Rio”, tinha trânsito e importância no Rio de Janeiro,

então capital federal, em um período de crescente influência norte-americana em substituição à inglesa. Ficou famoso por organizar grandes recepções, e alguns historiadores lhe atribuem a criação da popular bebida caipirinha. De tão identificado com o Brasil, permaneceu em território verde e amarelo após a aposentadoria e foi atendido no desejo de que seus restos mortais ficassem em Petrópolis (RJ).

.

O REI DO RIO

De início, Edwin Morgan se viu navegando em mares agitados. Causava problemas diplomáticos a política brasileira de valorização do café, que era liderada pelo estado de São Paulo e consistia em queimar estoques e diminuir a oferta do produto no mercado internacional para subir seu preço. Os EUA, um dos principais importadores do produto, abriram uma investigação em seu Departamento de Justiça sobre o que chamavam de *trust* do café. O embaixador brasileiro em Washington à época protestou e reclamou de interferência em assuntos internos de seu país. A réplica foi ainda mais dura, e parecia que o incidente só crescia até a chegada da nova voz de Morgan. O novato lembrou aos dois lados a importância de uma boa relação: os EUA queriam exercer a liderança nas Américas, e o Brasil queria garantir o comércio, principal tópico de negociação internacional do país no início do século XX. Com as eleições presidenciais de 1912 e a vitória de Woodrow Wilson, Morgan sugeriu à nova administração que convidasse o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Lauro Müller, para uma visita a Washington. Com a atuação de Edwin Morgan, o confronto que se criava foi extinto.

Da visita de Lauro Müller, outro incidente, este menor, surgiu. Quando da volta do ministro ao Rio de Janeiro, o embaixador quis recebê-lo com uma festa. Porém os membros da Câmara dos Deputados não foram convidados, e surgiu um mal-estar, que, apesar de rapidamente resolvido por Morgan, chegou a ser notícia internacional no *New York Times*.

Das muitas festas e recepções que Morgan organizou, uma se destaca pela curiosidade. Stephen Duggs, educador norte-americano, parou no Brasil durante sua viagem à América

Latina para estudar a educação nos países da região. Dessa visita surgiu o atual Instituto Brasil-Estados Unidos (Ibeu). Ao voltar, Duggs escreveu um livro em que contava sobre sua viagem e citava algumas curiosidades sobre o embaixador que o recebera. Morgan era exímio conhecedor da história e da cultura brasileiras, e também da literatura e das instituições. O enviado também contou que Morgan era amado pelos brasileiros e estava tão inserido no ambiente carioca que os comerciantes dos EUA o acusavam de defender também os interesses do Brasil, às vezes em oposição aos norte-americanos. Mesmo assim, Duggs chamou Morgan de “Grande embaixador americano”.

A adaptação de Morgan foi também em parte facilitada por sua riqueza familiar. O uso da fortuna pessoal para o patrocínio das artes e para festas trouxe ao embaixador uma simpatia local ainda maior. No exercício da profissão, Morgan se destacava dos outros embaixadores pela facilidade de acesso às autoridades e pela influência junto ao governo. Tudo isso lhe trouxe a alcunha de “Rei do Rio”. Sua importância era tão grande já em 1913 que foi o único diplomata norte-americano a permanecer em cargo de embaixador depois da eleição dos democratas com Wilson.

Em 1919, a Conferência de Paris provocou uma disputa no Brasil sobre quem seria enviado como representante brasileiro. Rui Barbosa teve seu nome citado pela imprensa. O jurista já se tornara famoso internacionalmente pela destacada atuação em Haia, onde ganhou o respeito das mais importantes delegações por sua inteligência aguda e sua fluência em vários idiomas. Depois de muitas idas e vindas, muita disputa interna, Rui foi convidado e recusou, alegando ter sido o convite muito tardio. O senador Epiácio Pessoa chefiou a delegação, onde tratou, como de costume, de questões comerciais.

A intriga que envolveu o nome de Rui Barbosa e sua recusa deram espaço para acusações posteriores de que os EUA não teriam querido a presença do intelectual, pois o considerariam muito independente. Rui poderia não ser o “voto certo” para os norte-americanos. No entanto, Rui recusou o convite por orgulho próprio, pois não fora o primeiro nome lembrado e não queria se submeter aos comandos burocráticos de Domício da Gama no Itamarati.

O fato é que as relações entre Brasil e Estados Unidos melhoravam dia após dia. A estratégia da potência era aumentar o comércio e o investimento nos países latino-americanos. Maior estímulo era dado às exportações do Brasil para reverter a já histórica balança comercial desfavorável. O embaixador Morgan não era o mais ferrenho defensor desse tipo de esforço, chamado de diplomacia do dólar, mas atuava junto ao governo local e conseguiu menores tarifas para as exportações norte-americanas. Contudo, outro ponto foi mais importante: a decadência europeia. Enquanto os EUA surgiam como nova potência, as velhas caíam devido à Grande Guerra. O comércio externo europeu diminuía sensivelmente, e também a velha influência britânica na *terra brasilis*, abrindo um vácuo para os EUA.

O desejo dos EUA de vender esbarrou na fraca economia brasileira e na falta de segurança econômica, ameaçadas por políticas públicas que surgiam subitamente, como a da valorização do café. Morgan soube lidar com os dois lados, sempre reforçando as relações políticas. Com o passar do tempo, o embaixador começou a desejar ser reconhecido por sua competência e passar para o mesmo posto em um país europeu mais prestigiado. No entanto, o que foi reconhecido não foi tanto da capacidade de Morgan, e sim da dependência em relação a ele. Tal sentimento só aumentou quando, durante a Revolução de 1930, o embaixador estava de férias em Paris. Pego de surpresa, teve que voltar às pressas. Enquanto isso, a embaixada ficou sob a responsabilidade de um funcionário inexperiente.

Ao chegar, Morgan mais uma vez serviu brilhantemente de canal, dessa vez entre os americanos e os novos mandatários. O presidente Hoover, do alto do Distrito de Columbia, já ordenava embargos contra a revolução – curiosamente era a primeira vez que os EUA tomavam tal atitude contra um país sul-americano. Mal chegado de Paris, Morgan já começou a trabalhar a relação. Declarou que a junta militar que assumiu o poder após a queda de Washington Luís era de conhecidos seus e que as bandeiras vermelhas nas ruas significavam revolução, não comunismo. Mais um acerto do embaixador.

O tempo passava, novos governos assumiam nos Estados Unidos e não queriam substituí-lo. Morgan lutou, mas aceitou seu destino e ficou no Rio de Janeiro até sua aposentadoria e

morte, em 1934, e depois seus restos mortais foram guardados em Petrópolis. Nessa cidade, antes de morrer, Morgan morara no palácio do Grão-Pará.

Francisco Figueira

Fontes: BUENO, C.; CERVO, A. *Política*; DUGGS, S. *Professor*; GARCIA, E. *Brasil*; *New York Times* . Forgot to ask deputies (16/9/1913) Disponível em:

<http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?_r=1&res=9807E2D8123FE633A25755C1A96F9C946296D6CF>.

Acesso em: 11/11/2009; NOLAN, C. *Notable*; *Time Magazine*.. The Cabinet. (3/11/1930). Disponível em:

<<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,882354,00.html>>. Acesso em: 11/11/2009.